

## Controvérsias sincrônicas sobre o uso de Assistir

Maria Célia Lima-Hernandes

Não são raros os momentos em que questionamentos feitos pelos alunos colocam o professor de português na posição clássica de ‘senhor da verdade’. Nessas ocasiões, é costume citar o gramático preferido e reproduzir seus argumentos, nem sempre livres de controvérsias acadêmicas.

Esse cenário recém-desenhado constitui-se o momento ideal para as reflexões que propomos a seguir. Pretendemos, com as discussões tecidas, evidenciar a necessidade de uma pesquisa mais ampla em compêndios e outros materiais disponíveis para que se possa assumir uma posição mais assertiva diante casos como esses. Como exemplo de questionamento, aqui foi escolhido, de forma aleatória, o caso do verbo assistir, dada a sua polissemia sempre explorada no capítulo sobre regência dos compêndios gramaticais de orientação tradicional.

Muitos dos problemas detectados no emprego do verbo assistir podem ser dissipados com o estudo da trajetória histórica desde sua origem, no latim, até os dias atuais.

Para auxiliar a viagem diacrônica que faremos a seguir, pinçamos dois exemplos que refletem a grande dúvida acerca do uso opcional de preposição diante de um argumento necessário ao sentido verbal:

O médico assistiu a paciente com carinho.

(2) O médico assistiu à paciente com carinho.

São exemplos que remetem a diferenças semântico-sintáticas, uma vez que têm causa na ligação assumida pelas palavras e no sentido decorrente dessa aproximação. Contudo, não se pode dissociar a Sintaxe da Lógica, assim como não se pode esperar uma relação unívoca entre vocábulo e sentido ou vice-versa.

Como ponto de partida em nossas reflexões, assumimos que compreender remete à capacidade de apreensão da significação, da informação codificada numa estrutura sintática. Assim sendo, defendemos, a exemplo dos lógicos, que o sentido reside não somente no vocábulo em si, mas ainda em sua ligação numa proposição:

Muitas vezes, para o lógico, o verbo gramatical contém a ligação e o predicado. Assim, em Lógica, a proposição ‘os peixes nadam’ reduz-se a ‘os peixes são nadantes’; ‘eu caminho’, a ‘eu sou caminhante’ (Melo 1959:311).

Nessa perspectiva, temos nos exemplos (1) e (2) duas expressões formais diversas em decorrência de uma pretendida sintaxe na oração constituída, contudo a mesma análise lógico-semântica é alcançada na proposição.

Assim, no decorrer das discussões, restará clara a controvérsia ora levantada com base nos exemplos citados, por meio do que provaremos que Sintaxe e Lógica conspiram para um sentido possível na proposição de forma indissociável.

### 1. Etimologia e usos diacrônicos

Muitas formas lingüísticas passam por mudanças no decorrer de sua trajetória histórica. Nesse sentido, assim como novos sentidos são agregados, alguns outros são deixados de lado, motivados pelas necessidades cotidianas do povo.

Muitos são os exemplos encontrados na literatura lingüística, como *stare* (estar) e *comedere* (comer). No primeiro caso, o verbo *stare*<sup>2</sup> no latim antigo possuía um sentido posicional no espaço físico e depois tem seus usos ampliados pelo povo e perde a capacidade de indicar a posição, assumindo um sentido presencial no espaço. Essa mudança licencia construções como “estar deitado” no português atual. No segundo caso, o verbo *comedere* sofreu alteração sintática em sua trajetória, uma vez que no latim antigo *edere* era originalmente o verbo e exigia, por regência, a preposição *com*. E esse uso era tão comum que passou a compor a mesma palavra. Na passagem do latim para o português, os falantes, por analogia, precisavam de uma preposição após o verbo e acabaram por introduzir mais uma preposição com na estrutura regencial do verbo. Isso permite que digamos “vou comer churrasco com meu amigo”.

Processo similar se deu com “assistir”, uma vez que esse uso era constituído a partir dos verbos *esse* (ser) e *stare* (estar), que, com a preposição *ad*, geraram muitas estruturas sintáticas para passar a idéia de presenciar (*adesse*, *praesentem adesse*, *in conspectu*

---

<sup>1</sup> Essa afirmação também reflete as concepções de R. Jolivet (1942), de J. Thonnard (1950), de L. van Acker (1932) dentre outros.

<sup>2</sup> *Stare* denotava posição vertical no espaço físico. Assim, o sujeito de *stare* (estar) ocupava no contexto uma posição vertical, contrapondo-se ao verbo *iacere* (jazer) que indicava posição horizontal: estar deitado.

adstare, praesto esse). Analogamente, o verbo *sidere* (estar sentado) forma *adsideo* e *adsido*, que, num processo de mudança fônica, passaram a *assideo*<sup>3</sup> e *assido*, concorrendo semanticamente com *adesse* e *adstare*.

Contudo, não eram somente esses os concorrentes semânticos. Havia já no latim o verbo *sistere*<sup>4</sup>, gerado a partir de *stare*, que podia significar, dentre outras nuances, “comparecer perante o tribunal no prazo marcado por intimação”. Esse sentido aplicava-se tanto ao réu quanto ao advogado que o defenderia, incluindo aí a noção de ‘ação’ praticada por um sujeito ativo e não apenas espectador.

Esses usos com sentidos tão próximos geraram muitas confusões, que logo foram desfeitas pelo povo ao adotar outros termos menos ambíguos. No padrão culto da língua, entretanto, esses usos continuam a ser utilizados em suas especificidades distintas.

## 2. Verbetes dicionarizados e acepções apuradas

A despeito da proliferação de formas sinônimas concorrentes, aqui ativemo-nos à análise exclusiva da forma *assistir* e de seu leque semântico assentado em dicionários e gramáticas.

Nos dicionários, a exemplo de Aurélio(1986) e Houaiss (2001), o referido vocábulo é tratado em um único verbete, em que são apresentadas as seguintes acepções:

*Assistir*. [Do lat. *adsistere*]

V.t.i. 1. Estar presente; comparecer: Assisti a um bom filme. 2. Ver, testemunhar; notar, observar: Assistiu indiferente à cena; “E eu assistira, dia e noite, a esta agonia.”(Camilo Castelo Branco, *No Bom Jesus do Monte*, p.14). 3. Residir, morar; habitar: Assiste em Brasília; “um arraial de mais de uma centena de casas,... onde assistia uma população mesclada” (Afrânio Peixoto, *Maria Bonita*, p. 55); “Eu separo o reinol de outro mineiro:

---

<sup>3</sup> Originalmente *sideo* (estar sentado) + *ad* (ao pé de) que podia assumir sentido diferente dependendo da conjugação usada, como em *sido* (estar sentado) + *ad* (perto). A diferença é que no primeiro uso o agente estava mais envolvido intencionalmente com o objeto (outro alguém que não o sujeito) e, no segundo, somente havia a proximidade do agente, que era um observador.

<sup>4</sup> A combinação de *ad+sistere* (= *assistere*) deu origem ao termo *assistir*. Em todas as acepções registradas em dicionário (Koehler, 1948:798), o caráter atitudinal é bastante marcado. Assim, não era um verbo de ação passiva.

/Quem no Brasil assiste é brasileiro”.(Domingos Carvalho da Silva, *Liberdade Embora Tarde*, p.14) [Nesta acepç. É hoje m. us. Popularmente]. 4. Estar, permanecer. 5. Auxiliar, ajudar, socorrer; favorecer: Assiste aos pobres com humildade exemplar. 6. Acompanhar, principalmente em ato público, na qualidade de ajudante, assistente ou assessor: Os chefes da Casa Civil e da Casa Militar assistiram ao Presidente da República na inauguração da rodovia. 7. Acompanhar (enfermo, moribundo, parturiente, etc.) para prestar-lhe conforto moral ou material. 8. P. ext. Bras. Servir de parteira; partejar.

T.d. 9. Acompanhar (enfermo, moribundo, parturiente, etc.)para prestar-lhe conforto moral ou material.

T.d.e i. 10. Acompanhar, principalmente em público em ato público, na qualidade de ajudante, assistente ou assessor: O secretário assistia brilhantemente ao Ministro na assinatura do acordo internacional. Int. 11. Estar presente, comparecer. [Na acepç. De ‘estar presente’ não admite o pronome lhe(s), mas apenas as f. analíticas, a ele(s), a ela(s): “Lá vão, lá vão os frades celebrar um auto! Não serei eu que assista a ele” (Alexandre Herculano, *Lendas e Narrativas*, I, p.256) (...) “Não assistiremos o filme de Sabu (Osmã Lins, *Nove, Novena*, p.54) (Ferreira, 1986, pp.185-6)

Ferreira oferece 11 acepções para o verbete assistir, e o faz com base em peculiaridades muitas vezes não observadas pelo leitor mais desatento. Numa rápida leitura, pode-se chegar à conclusão equivocada de que tanto o exemplo (1) quanto o (2), apresentados no início do texto, são considerados adequados para o padrão culto da língua, principalmente no que se refere às acepções 7 e 9, que de forma idêntica aparecem elucidados:

“acompanhar (enfermo, moribundo, parturiente, etc.) para prestar-lhe conforto moral ou material”

sem explicitar um único exemplo, mesmo que fictício, para a descrição feita. E esse fato é justificado no uso não-padrão da língua, ou seja, foi observada pelo dicionarista essa ocorrência, entretanto não pôde encontrar um único uso culto registrado.

Tal fato leva-nos a concluir que não é um uso culto, registrado nas gramáticas, mas presente de acordo com o contexto informal, numa situação de fala não-padrão, o que pode ser justificado no prefácio do dicionário:

“Pretendeu-se fazer um dicionário médio, ou inframédio, etimológico, com razoável contingente vocabular (bem mais de cem mil verbetes e subverbetes), atualizado (dentro dos seus limites), atento não só à língua dos escritores (muito especialmente os modernos, mas sem desprezo, que seria pueril, dos clássicos), senão também à língua dos jornais e revistas, do teatro, do rádio e televisão, ao falar do povo, aos linguajares diversos – regionais, jocosos, depreciativos, profissionais, giriescos...” (p. VII)

Parece, assim, que toda dúvida se dissipa, permitindo que sigamos com a análise proposta.

Como é de praxe, em minidicionários, a escolha dos verbetes que devem compô-los não é aleatória, como poderíamos supor. Na verdade, é feito um grande estudo quantitativo dos termos mais usuais na atualidade e, a critério de cada dicionarista, seleciona-se um certo número dentre os mais recorrentes:

“No português, como em qualquer língua viva, entram diariamente palavras novas e muitas das existentes ganham novas acepções. Empréstimos de línguas estrangeiras, especialmente nas áreas técnicas e científicas, são outro meio pelo qual as línguas crescem e modernizam-se, uma vez que têm energia para degluti-los com o uso de torná-los coisa sua. A rigorosa seleção de palavras deste dicionário bem espelha tais fenômenos, revelando, como um termômetro sensível, muito das alterações e pressões socioeconômicas e culturais que nos influenciam neste momento.” (Mauro de Salles Vilar, p. VII, Dicionário Houaiss)

Nesse excerto das ‘Palavras Iniciais’ do citado dicionário, fica claro o objetivo do editor: “ser essencialmente funcional e prático”, de modo a resolver rapidamente as dúvidas do consulente. E nesse sentido, não haveria sentido em registrar usos que ferissem ao padrão culto ou que já estivessem ultrapassados na língua. Seguindo essas diretrizes, o editor faz a seguinte seleção:

as.sis.tir v.trans. 1. estar presente a; ver 2 prestar auxílio a; socorrer 3 caber a, competir a (Houaiss, 2001, p.41)

Reduzem-se sensivelmente as acepções do verbo sob análise, e percebemos que, embora não trate da regência indicada para cada caso, ratifica nossa posição quanto ao caminho de análise adotado para as acepções 7 e 9 apresentadas por Ferreira (1986).

Feitas as consultas e observados os resultados, chegamos à conclusão de que termos são dicionarizados tendo em vista critérios e objetivos estipulados pelos autores e também de que não se deve fazer consultas mecanicamente, mas orientados pelo espírito crítico de falante da língua.

### 3. Regras gramaticais: padrões de usos

De início, devemos nos despir do mito de que são os gramáticos que criam as leis de funcionamento das línguas. Ao contrário, os fenômenos revelam-se na boca do povo e, sempre atentos, os gramáticos observam-nos até que já estejam cristalizados e sem o estigma inicial, após o que incluem sua descrição em seus livros.

Isto posto, passamos à análise do direcionamento dado por dois gramáticos aos usos do termo assistir. A escolha desses autores obedeceu ao nosso ímpeto de tornar evidentes as diferenças de abordagem, haja vista que seus pressupostos didáticos são diferenciados. Assim, temos um representante da visão mais tradicional, em que línguas falada e escrita não se diferenciam quanto ao uso, razão pela qual a palavra do autor é a única válida (Almeida, 1969) e da visão tradicional, cuja preocupação central é a modalidade escrita, o que gerou exemplos oriundos de clássicos da literatura, mesmo nos usos mais populares (Cunha & Cintra, 1985).

Almeida (1969) preocupa-se com os preceitos mais tradicionais da gramática e indica a seguinte regência verbal para o verbo:

“Muitos verbos possuem duas ou mais regências, conservando, em qualquer delas, o mesmo sentido e correção(...) Outros, conforme a regência, têm significado especial; está neste caso o verbo assistir; com objeto direto significa prestar socorro, cuidar, tratar: “O médico assiste o enfermo”. Com a preposição a, significa estar presente: “Assisti ao desfecho da questão”, “Assistir a uma missa”. (Almeida, 1969, p.157)

Cunha & Cintra (1985:508-9), por sua vez, vão buscar todas as nuances possíveis registradas em vários autores, que devem ser encarados como modelo a ser seguido pelos consulentes:

1o) Uma longa tradição gramatical ensina que este verbo é transitivo indireto no sentido de ‘estar presente’, ‘presenciar’(...):

Assisti a algumas touradas (A.F. Schmidt)

(...)

Na linguagem coloquial brasileira, o verbo constrói-se, em tal acepção, de preferência com objeto direto (cf. assistir o jogo, um filme), e escritores modernos têm dado acolhida à regência gramaticalmente condenada (...):

Trata-se de um filme que eu assistia (C.Lispector)

(...)

2o) É transitivo indireto na acepção de ‘favorecer’, ‘caber (direito ou razão, a alguém)’, mas, neste caso, pode construir-se com a forma pronominal lhe(s):

Ao dono da loja assiste razão de gabar-se,

como o fez, por sua iniciativa. (C.Drummond de Andrade)

3º) Usa-se indiferentemente, como transitivo direto ou indireto nos sentidos de ‘acompanhar’, ‘ajudar’, ‘prestar assistência’, ‘socorrer’:

Deus bom, que assiste os coitados. (C. dos Anjos)

4o) No sentido de ‘morar’, ‘residir’, ‘habitar’, o locativo vem introduzido pela preposição em:

Dois daqueles assistiam no termo de Vila Nova da Rainha. (A.Arinos)

Á consulta de Cunha & Cintra devemos ter cautela, uma vez que representam uma visão que, ao mesmo tempo em que não apreciam exemplos de língua falada, descrevem uma língua, que também é falada, tão e somente por meio de excertos de escritores, nem sempre brasileiros, nem sempre atuais. São as licenças poéticas, vedadas ao falante comum. Ao uso deste é atribuído o rótulo de ‘erro’.

Portanto, o consulente deve acatar essas explicações com reserva, mesmo porque ainda restam alguns caminhos que podem dirimir essa simples dúvida de regência verbal. O primeiro deles pode ser seguir o conselho de Almeida (1969):

Os bons dicionários mostram, através de exemplos, a verdadeira regência de um verbo. O aluno inteligente deverá ver os exemplos que o dicionarista apresenta após cada significado do verbo, e do exemplo deduzirá a regência, sem preocupar-se com o nome que o autor porventura empregue para designar o verbo (p. 157)

E o segundo, mais adequado a nosso ver, é consultar uma gramática ligada à pesquisa científica (Bechara, 1999), em que afirmações são feitas com base em resultados de trabalhos empíricos, amplamente documentados:

Muitas vezes um termo argumental, isto é, condicionado pelas características sintáticas e semânticas de recção ou regência do termo regente, pode ser dispensado, apagado ou eliminado da oração pela falante ou porque já foi referido anteriormente e, por isso, é facilmente subentendido pelo ouvinte, ou porque, graças ao conhecimento que temos das coisas e do mundo, a nossa experiência também facilmente entende aquilo de que estamos falando.(...)

Também em razão do nosso saber sobre as coisas do mundo extralingüístico é que podemos fazer o chamado ‘emprego absoluto’ de vários verbos, desacompanhados de seus argumentos ou complementos, implícitos na ação designada pelo verbo, mas que a nossa experiência recupera. (p.413)

Em outras palavras, o emprego na modalidade oral é opcional e fica dependente de dois fatores: do grau de informações compartilhadas entre os interlocutores; e do contexto situacional. Já, na modalidade escrita, fica válido sempre o uso comum<sup>5</sup>, principalmente orientado para o objetivo do uso.

Como o caso mais recorrente (caso não-marcado) é normalmente mais conhecido pelos falantes da língua, esse uso não é alvo de discussão por Bechara, todavia algumas páginas adiante, o autor explicita a regência de assistir simplesmente em seu caso marcado:

Assistir a (=presenciar) (Bechara, 1999, p.572)

À guisa de conclusão

---

<sup>5</sup> *Comum* aqui é empregado no sentido de conhecimento compartilhado por um conjunto de pessoas com o mesmo grau de domínio lingüístico, ou seja, submetidos ao ensino sistematizado nos mesmos níveis.

Como nos propusemos inicialmente, discutimos as vicissitudes regenciais do verbo assistir e buscamos apontar as implicações desses usos para as modalidades escrita e falada da língua.

Contudo, deixamos, propositadamente, suspenso durante a discussão um parecer sobre os dois exemplos elencados, os quais são retomados neste momento:

(1) O médico assistiu a paciente com carinho.

O médico assistiu à paciente com carinho.

Também nos momentos iniciais deste texto, apresentamos a argumentação de Melo (1959) sobre a íntima ligação entre a sintaxe e a lógica e, não a perdendo de vista, damos-nos conta de que somente ao exemplo (1) cabe a interpretação com envolvimento direto do agente ‘médico’: os médicos são assistentes, e essa interpretação é calcada na peculiaridade dessa profissão: ajudar, auxiliar ativamente, com envolvimento direto, na atitude e na ação.

Difere desse caso o exemplo (2), que prevê inicialmente um envolvimento circunstancial e passivo, além de não permitir essa exclusão contextual por função: “os médicos são assistentes” no sentido de “os médicos são videntes”, “são observadores”, etc. Tal interpretação somente funcionaria num texto e contexto fictícios, desvinculados da realidade.

Portanto, Sintaxe e Lógica não podem ser dissociadas em favor de regras cegas. E, para a aplicação sadia de uma gramática de usos, deve-se ter em mente que a língua é variável no tempo e no espaço e constrói nesse percurso sua historicidade. Não devemos, assim, permitir que nos vendem os olhos para a realidade circundante, pois o gramático parte da realidade para o livro e não o contrário.

#### Referências Bibliográficas

ALMEIDA, N.M.de. Gramática metódica da Língua Portuguesa. São Paulo: Saraiva, 1969.

CUNHA, A.G. da. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, C. & CINTRA, L. Nova gramática do Português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FERREIRA, A.B.H. Novo dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HOUAISS, Antônio. Minidicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOEHLER, Pe. H. Dicionário escolar latino-português. Porto Alegre: Globo, 1948.

MELO, G. C. Novo Manual de análise sintática. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1953.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.